

ENTREVISTA

Paulo Roberto de Almeida, professor de Economia Política Internacional do Centro Universitário de Brasília

'O Bric é só um exercício intelectual'

BETO BARATA/AE - 16/11/2006

Professor diz que Brasil continuará sendo um país de crescimento lento e inserção no mundo limitada a commodities

Lourival Sant'Anna
ENVIADO ESPECIAL
RIO

Esquivo a acordos comerciais e à competição que eles introduzem, avesso a reformas, e com um ensino público fundamental "pavoroso", o Brasil seguirá sendo um país de crescimento lento e de inserção na economia mundial limitada ao fornecimento de commodities e de fontes renováveis de energia.

Ao contrário de China e Índia. A primeira desempenha o papel que a Inglaterra teve no século 19, de conter a inflação mundial, com produto barato. A segunda vai alimentar a nova economia de inteligência e conhecimento. Assim, não faz sentido agrupar os três, mais a Rússia, na sigla Bric.

Numa palestra no 6.º Encontro Nacional de Estudos Estratégicos, na Escola de Guerra Naval, no mês passado no Rio, o diplomata Paulo Roberto de Almeida, professor de Econo-

'Países do Bric não interagem entre si, não atuam de forma coordenada'

mia Política Internacional no Centro Universitário de Brasília (Ceub), tirou o "B" do Bric, a sigla que reuniria os quatro grandes países emergentes. Em entrevista ao **Estado**, Almeida - que trabalha ainda no Núcleo de Assuntos Estratégicos da Presidência da Repúbli-

dial. Ou seja, eles terão inevitavelmente grande peso, inclusive o Brasil, que é pouco dinâmico, mas cada um pela própria conta. Cada um tem uma forma específica de inserção na economia mundial. Cada um tem interesses nacionais, que não são necessariamente divergentes, mas não são coincidentes.

Mas o sr. disse também que Índia e China, para efeitos da economia mundial, já fazem parte do Hemisfério Norte. Por quê?

Porque essa nova geografia comercial que se anuncia como relevante para o Sul já existe: são os emergentes asiáticos exportando para o Norte desenvolvido (Estados Unidos e Europa). Para todos os efeitos imagináveis, o destino econômico da China está intimamente ligado ao dos EUA. Os americanos dependem da transferência de recursos asiáticos para continuar sustentando a avidez de consumo. A China depende enormemente da capacidade comercial deficitária americana, ou seja, que os EUA continuem comprando dela. Do catálogo do Wal Mart, 80% ou mais é chinês ou pode ser feito na China. E a China tem papel deflacionista extremamente importante na economia mundial. Assim como a Inglaterra no século 19 ofereceu mercadorias baratas, a China exerce hoje esse papel.

E a Índia?

A Índia já é outra coisa. Também é intimamente integrada aos EUA, pelas redes de engenheiros, pelos executivos que trabalham na Califórnia ou na Costa Leste, que vão alimentar a nova economia de inteligência e conhecimento. A China é um laboratório, um ateliê ou uma fábrica. A Índia é um escritório de concepção e desenho.



PROBLEMA NACIONAL - Almeida diz que não há sequer consciência de que as reformas são necessárias

Mas não atrapalha (a exclusão social)?
Atrapalha internamente.

E externamente?

Não. A Índia vai continuar com milhões de miseráveis durante muito tempo, assim como a China. O que elas já fizeram em termos de crescimento econômico é extraordinário. A China tirou 200, 300 milhões de camponeses da miséria abjeta para uma pobreza aceitável, e os transformou em operários. A Índia também tirou centenas de milhares de pessoas da miséria. Mas a miséria indiana ainda é monumental, e vai continuar por décadas. Mas isso não importa para a economia mundial, e sim os grandes fluxos transnacionais de comércio, bens, serviços.

cional do trabalho. Quando acabou o socialismo, o impacto da incorporação dos ex-socialistas na economia mundial não foi muito grande, porque os países eram pouco competitivos e inexistentes no plano financeiro. O impacto econômico da inserção dos socialistas no PIB mundial foi de 10% ou 15%. Agora, o impacto da incorporação do exército industrial de reserva ex-socialista na divisão mundial do trabalho deve superar um quarto da mão-de-obra do mundo. É relevante no plano da alocação de investimentos para

'O Brasil é um pouco avestruz; introvertido, pouco competitivo'

Quem produz patentes, inovação tecnológica, são engenheiros. A China vai construir um poder econômico nos seus próprios termos, que não necessariamente vai se dar no vácuo ou na decadência ocidental, e sim em extrema osmose com o Ocidente. As teses de hegemonias, declínios e substituição de impérios não são muito válidas hoje, porque não se tem mais economia baseada só em matéria-prima ou força bruta das máquinas. Como a economia é do conhecimento, tudo tende a se disseminar. Quem está perdendo são os operários americanos e ocidentais. Mas as empresas ocidentais vão continuar fortes, inclusive usando mão-de-obra chinesa.

E a inserção brasileira?

Tanto Mercosul como Alca ou qualquer acordo hemisférico são muito menos importantes para o Brasil como mercado do que como estabilização econômica e indução à reforma, à competição e à inovação. Como continuamos introvertidos, o processo de reforma será lento. Não é que não haja consenso entre a elite quanto a agenda de reformas. Não há consciência de que a reforma é necessária, nos planos tributário, fiscal e educacional.

Com esse ensino fundamental, o Brasil pode se inserir na economia mundial?

Nós achamos que nossos problemas econômicos são graves, por causa da falta de uma agenda de reformas. No plano educacional, é pior do que possamos imaginar. A situação é muito pior do que as estatísticas revelam. Não é só do ponto de vista organizacional e de investimentos, mas no plano mental, de preparação de professores. Temos enormes problemas pela frente, que não serão resolvidos facilmente. Sou extremamente pessimista quanto às possibilidades do Brasil de concorrer numa economia globalizada, na medida em que a situação educacional é pavorosa. Nós não estamos preparados para capacitar a mão-de-obra, no plano puramente industrial, nem para enfrentar as exigências da modernidade, da inovação tecnológica. No plano científico, até que temos capacidade. Nossos cientistas são tão bons ou até melhores que os estrangeiros. Mas a vinculação do sistema científico com o tecnológico é precária. Não há sistema inovador autogerado. É muito induzido pelo Estado. E o Estado deixou de ser uma solução e passou a ser um problema.